



ANÁLISE DO CRONOTOPO BAKHTINIANO NA OBRA *A INVENÇÃO DE MOREL*, DE BIOY CASARES

ANALYSIS OF THE BAKHTINIAN CHRONOTOPE IN *THE INVENTION OF MOREL*, BY BIOY CASARES

ANÁLISIS DEL CRONOTOPO BAKHTINIANO EN LA OBRA *LA INVENCION DE MOREL*, DE BIOY CASARES

Carlos Versiani (UERN)
carlos.versiani@gmail.com

Gerizilda Dantas de Souza (UERN)
gerizildadsouza@gmail.com

Resumo

No presente artigo, analisamos a obra *A invenção de Morel*, de Adolfo Bioy Casares, pela perspectiva do conceito de cronotopo, desenvolvido por Bakhtin, sobre a relação espaço/tempo na literatura. O objetivo é responder como o cronotopo é apresentado na obra de Casares, através das escolhas e percursos trilhados pelo personagem Fugitivo. Elegemos, para nossa análise, as tipologias do “cronotopo de encontro” e do “cronotopo de metamorfose”, categorias explicitadas nos estudos bakhtinianos. Percebemos, ao final, que o cronotopo se realiza no texto por uma supressão do tempo/espaço, ou seja, os personagens escolhem viver sob uma eterna repetição do tempo, sem poder modificar, ou mesmo acompanhar as mudanças à sua volta. Entendemos ser possível identificar que o Fugitivo expressa o homem moderno em sua face mais frágil e contraditória, com medo do progresso do mundo e das mudanças que não pode controlar. Entrega-se, por fim, a uma engenhosidade que o faz abdicar do seu protagonismo, como sujeito de sua própria História, deslocando-se para fora do espaço/tempo real.

Palavras-chave: A Invenção de Morel, cronotopo, modernidade.

En este artículo analizamos la obra *The Invention of Morel*, by Adolfo Bioy Casares, from the perspective of the concept of chronotope, developed by Bakhtin, about the space/time relationship in literature. The objective is to answer how the chronotope is presented in the work of Casares, through the choices and paths taken by the Fugitive character. For our analysis, we chose the typologies of the "meeting chronotope" and the "metamorphosis chronotope", categories explained in bakhtinian studies. At the end, we realized that the

chronotope takes place in the text by a suppression of time/space, that is, the characters choose to live under an eternal repetition of time, without being able to modify, or even follow the changes around them. We understand that it is possible to identify that the Fugitive expresses the modern man in his most fragile and contradictory face, afraid of the progress of the world and the changes he cannot control. Finally, he surrenders to an ingenuity that makes him abdicate his role, as the subject of his own history, moving out of space / real time.

Keywords: *The Invention of the Morel*, chronotope, modernity.

Resumen

En este artículo analizamos el trabajo *La invención de Morel*, de Adolfo Bioy Casares, desde la perspectiva del concepto de cronotopo, desarrollado por Bakhtin, sobre la relación espacio / tiempo en la literatura. El objetivo es responder cómo se presenta el cronotopo en el trabajo de Casares, a través de las elecciones y caminos seguidos por el personaje Fugitivo. Elegimos, para nuestro análisis, las tipologías del "cronotopo de encuentro" y el "cronotopo de metamorfosis", categorías explicadas en los estudios de Bakhtinian. Al final, nos dimos cuenta de que el cronotopo se realiza en el texto mediante una supresión del tiempo / espacio, es decir, los personajes eligen vivir bajo una eterna repetición del tiempo, sin poder modificar o incluso seguir los cambios a su alrededor. Entendemos que es posible identificar que el Fugitivo expresa al hombre moderno en su rostro más frágil y contradictorio, temeroso del progreso del mundo y de los cambios que no puede controlar. Finalmente, se rinde ante un ingenio que lo hace abdicar de su papel, como sujeto de su propia historia, salir del espacio / tiempo real.

Palavras chave: La Invención de Morel, cronotopo, modernidad.

Introdução

Em meio às vicissitudes da sua relação com o espaço e o tempo, o ser humano vai criando uma imagem sobre si e sobre o mundo; imagem que pode ser vista ou aceita pelos outros de forma contraditória, ou não esperada, já que, enquanto ser social, a percepção daquilo que diz, através de palavras, de gestos e ações, não é percebido da mesma forma como imagina ou constrói. Programado naturalmente para se adaptar às modificações do tempo em que vive, tende a mostrar aquilo que supostamente mais lhe favoreça, que o permita seduzir e convencer o outro da verdade da posição que ocupa.

Um dos meios de penetrar mais intensamente nessa complexa relação do ser humano com o espaço/tempo, dá-se através do conceito bakhtiniano de cronotopos, também presentes no texto literário, como “centros organizacionais dos acontecimentos basilares que sedimentam o enredo do romance” (BAKHTIN, 2018, p.226). Os romances modernos trazem, muitas vezes, como eixo temático, as transformações ocorridas na vida humana a partir das alterações de tempo/espaço vivenciados pelos personagens, que dizem



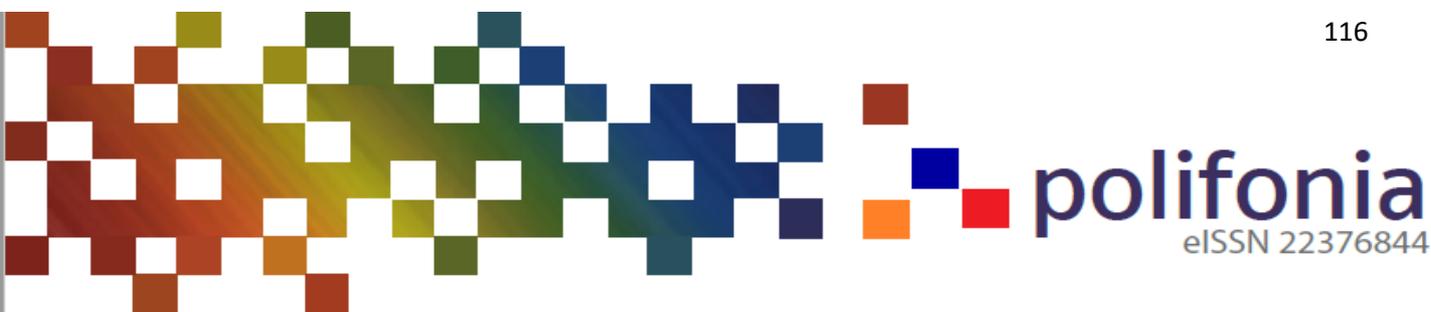
respeito às imagens apresentadas pelo personagem e à forma como são apreendidas pelos que com ele interagem ou dialogam.

O tempo, elemento primordial para a medida e compreensão da vida humana, seja na realidade, seja na ficção, é comumente abordado na literatura de forma livre e original. De acordo com o enredo e as ações realizadas, pode-se modificar o tempo, alongando-o ou suprimindo-o, ou mesmo paralisando-o em determinado contexto, mostrando que anos, meses, dias podem se passar, literariamente, sem que modifiquem o espaço da ação. De outra forma, também pode-se ter, na ficção, a mudança do espaço, porém com o tempo congelado ou repetido, de forma nostálgica ou petrificada, como é o caso da obra *A Invenção de Morel*, de Adolfo Bioy Casares, *corpus* do nosso trabalho.

A obra *A invenção de Morel*, publicada em 1940, traz, em sua narrativa, escrita na primeira pessoa, na forma autobiográfica de um diário, as aventuras do personagem “Fugitivo”. Descrito como um homem que foge do seu país, porque condenado à prisão perpétua, ele decide, para não perder a sua liberdade, refugiar-se em uma ilha temida e abandonada, à qual nenhum outro homem se atreve a ir, pela lenda de que ela guarda uma antiga maldição: uma vez que alguém se aventura por lá, nunca mais aparece de volta.

O Fugitivo, assim denominado por nós, pois o autor não define um nome, apenas as características de um personagem fugitivo da lei, inicia sua aventura na ilha, em busca de sobrevivência. Lá, ele encontra antigas construções que, num primeiro momento, lhe servem como abrigo: um museu (assim nomeado por ele, mas que, pelas suas características, também poderia ser um hotel ou sanatório), uma capela e uma piscina. Sua paz, porém, acaba quando aparecem novos visitantes/moradores na ilha. De início, ele acha que são pessoas em sua busca, para prendê-lo, mas depois percebe que é um grupo de amigos, supostamente turistas, que chegam para passar uma temporada na ilha, comandados por um homem chamado Morel, que hospeda a todos naquele espaço que antes servira ao Fugitivo.

Deslocando-se então para um pântano inóspito, o personagem/narrador tenta entender essa mudança num espaço que antes era só seu, conduzindo-nos por vários questionamentos, também de ordem moral e filosófica. Ele se apaixona por uma das novas



moradoras, a qual observava todos os dias, parada no alto de um penhasco, tornando-se obcecado por ela. Sobe a montanha, fazendo de tudo para conquistá-la, sendo sempre desprezado e ignorado pela misteriosa mulher. Mais tarde, descobriria que não era apenas Faustine, a mulher, que não o via. Ele não era visto ou notado por nenhum daqueles novos visitantes da ilha.

Ao perceber isso, o Fugitivo inicia uma nova aventura: a busca pelo entendimento do porquê ser invisível para aquelas pessoas, abrindo várias possibilidades: desde ele ter enlouquecido devido à solidão e ao cansaço de viver como fugitivo, até ter contraído uma terrível doença que, pelos boatos que ouvira, acometia quem ousasse visitar a ilha. Por fim, o Fugitivo descobre que todos aqueles estranhos habitantes da ilha não passam de simulacros criados por uma invenção do cientista Morel; uma máquina futurista, responsável pela gravação de cenas realmente vividas por aquelas pessoas, num espaço de uma semana, e pela mecânica reprodução daqueles fragmentos/imagens de vida, que se repetem, incessantemente, com os mesmos gestos, as mesmas falas, as mesmas sensações.

Casares nos apresenta o Fugitivo como um personagem que filosofa sobre a condição humana, sobre os dilemas e atrocidades do mundo, e, através da sua narração, somos levados a um tempo passado, não muito distante da sua vida na ilha. Em seu diário, expressa também o desejo de construir um futuro mais digno, ainda que o veja como utópico ou impossível, diante do espaço em que agora vivia, sob precárias condições. A evolução do personagem na trama, narrada e comentada pelo diário, mostra muito mais do que ele é, exhibe o que a sociedade é através dele; como, a partir dos pensamentos e ações do ser humano, tempo e espaço são afetados e afetam o seu destino, demonstrando que o homem, ao mesmo passo que participa da construção do seu cronotopo, acaba tornando-se um prisioneiro dele.

Neste trabalho, partimos do pressuposto de que uma das formas de se conhecer o homem, sua presença e transformação no mundo é através não só da sua fala, mas dos diálogos estabelecidos por aquilo que ele fala, o que se estende também aos personagens de uma obra literária. Seu discurso encontra-se, portanto, “repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da



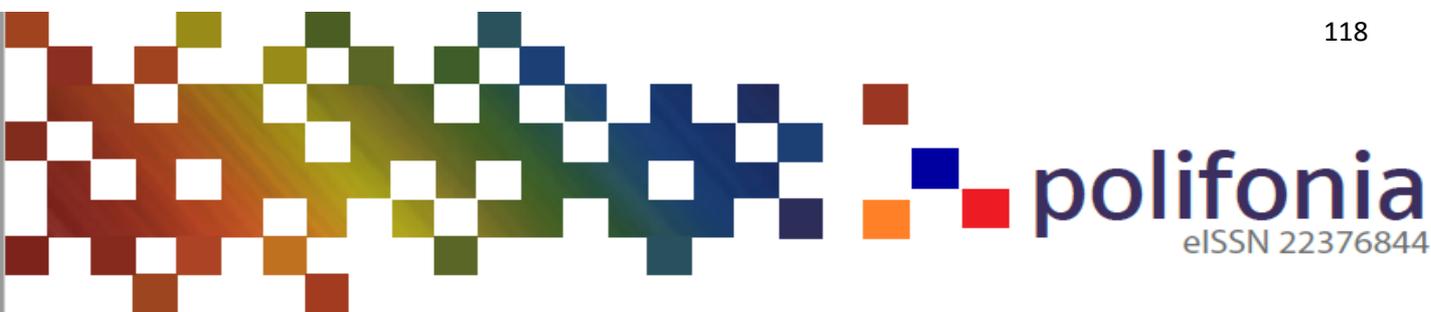
comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p.316). Nesse dialogismo, apreendemos mais sobre seu caráter, seus desejos, suas escolhas e o modo como vive e age, individual e socialmente. E é através do entrecruzamento entre o discurso narrado, e as vozes suscitadas pelo homem/personagem que narra e o tempo e espaço que envolvem a narração, que desenvolvemos este trabalho.

Temos, como objetivo principal, analisar, através da noção de cronotopo, na linha desenvolvida por Bakhtin, a relação espaço/tempo na obra *A invenção de Morel*. Buscamos mostrar como o personagem Fugitivo se articula, nesse contexto, como sujeito individual e social, desvelando seu olhar sobre si próprio, as pessoas e o espaço-tempo ao seu redor; que interferem em suas ações, tanto quanto sofrem interferências através delas, o que seria, no fundo, próprio da realidade histórico/cultural do ser humano e do caráter dialógico dos cronotopos.

2 Cronotopo: visão interior do espaço-tempo do sujeito/personagem

O ser humano está em constante transformação, enquanto sujeito histórico e social. Mas o molde de “evolução” da humanidade, nos tempos modernos, mostra dois vieses, em relação à viagem progressiva do homem através do espaço-tempo: como ele se adapta a cada espaço e época a que pertence e como essa adaptação cria uma rachadura no sistema “evolutivo”. Primeiro, o ser humano nunca se fecha em um ciclo, ele se constrói e se reconstrói sem nunca se quedar pronto e paralisado em um único ponto; segundo, nesse ciclo aberto e sempre reconstruído, o homem acaba repetindo processos que achava ter superado, o que soa contraditório à ideia de progresso ou evolução. Esse “retorno”, porém, nunca é feito e/ou vivido da mesma forma que uma vez aconteceu.

Deve-se levar em conta que o homem e suas atitudes nunca voltam a ser as mesmas de uma outra época, mesmo que ele use novamente o modelo de vida que julgava ter superado; seu ser individual e social traz marcas que não permitem que ele seja o mesmo de antes, o que faz lembrar a máxima clássica de Heráclito de Éfeso (1996, p.32): "Tu não podes descer duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre ti". Essa



impossibilidade de retorno ao mesmo pode ser observada em vários aspectos da vida de um sujeito, como, por exemplo, na linguagem.

Nos estudos sobre a linguagem, Bakhtin apresenta dois conceitos sobre espaço-tempo. O primeiro, exotopia, foi concebido para representar a atividade criadora em sentido geral, indo desde a criação artística até às Ciências Humanas. Amorim (2012, p.101) destaca *que* “o conceito de exotopia designa uma relação de tensão entre pelo menos dois lugares: o do sujeito que vive e olha de onde vive, e o daquele que, estando de fora da experiência do primeiro, tenta mostrar o que vê do olhar do outro”. Nessa relação tensa, os sujeitos têm dois meios de enxergar o espaço ao seu redor: através de sua própria visão e ideologia, e daquilo que é visto através do outro, do que o outro enxerga e acredita. Desse modo, temos um olhar totalizado/finalizado por aquele que observa a ação do outro, de um lugar mais privilegiado, e um olhar inacabado por aquele que vive a ação.

Este conceito é estudado por Bakhtin também na Literatura, na discussão sobre a relação entre o autor (o eu) e o personagem (o outro), no sentido de que “o discurso do herói sobre si mesmo é impregnado do discurso do autor sobre o herói” (BAKHTIN, 1997, p. 33). Mas este discurso do autor, como criador, não prescinde do sentido artístico da obra criada; dessa forma, distingue-se de qualquer discurso proferido a priori ou posteriori pelo “autor-pessoa”, posto que, como afirma Bakhtin (1997, p. 403), só podemos percebê-lo “em sua criação, jamais fora desta criação”.

O segundo conceito é o cronotopo, apresentado como uma maneira de analisar a relação do homem com o tempo e o espaço, através dos textos literários. O autor ressalta que “na literatura, o processo de assimilação do tempo e do espaço históricos reais, e do homem histórico e real que neles se revela, transcorre de forma complexa e descontínua” (BAKHTIN, 2018, p.11). Nem tudo é mostrado e apreendido no cronotopo apresentado na obra literária, pois equiparam-se apenas determinados aspectos da vivência do espaço/tempo real com o mundo espaço/temporal da ficção, sendo selecionados os aspectos históricos que melhor se encaixam neste cronotopo.

Já que o tempo e o espaço estão ligados ao homem, modificando e sendo modificados por ele, Bakhtin destaca que “o cronotopo como categoria de conteúdo-forma



determina (em grande medida) também a imagem do homem na literatura; essa imagem sempre é essencialmente cronotópica” (BAKHTIN, 2018, p.12). Dito de outra forma, “a concepção de tempo traz consigo uma concepção de homem e, assim, a cada nova temporalidade, corresponde um novo homem” (AMORIM, 2012, p.103). Através do conceito de cronotopo, Bakhtin demonstra uma forma de analisar as reações de um personagem perante o tempo/espaço no qual está inserido, em que é preciso observar também as transformações a que esse personagem é submetido.

Apesar de apresentarem de formas distintas a relação espaço/tempo, os conceitos de exotopia e de cronotopo não se excluem, eles servem como pontos de partida possíveis e complementares de se estudar uma obra literária. A exotopia nos permite examinar um texto pelo olhar do criador/autor e também dos personagens criados, o que pode ser reproduzido no exame das ações e pensamentos de personagens: daqueles que observam de fora, de forma plena, as ações, e daqueles que apenas vivenciam algo, sem examiná-lo a partir de uma crítica externa. Esse é o caso da relação literariamente construída entre os personagens da obra *A Invenção de Morel*.

Morel, criador de uma máquina capaz de gravar e aprisionar a existência de si próprio e de outros personagens, tem uma visão plena, acabada, onisciente, sobre a vida que está sendo reproduzida por sua máquina. A visão dos seus amigos, vítimas da sua criação, é limitada e inacabada, pois eles nem ao menos sabem que são projeções, simulacros de suas verdadeiras imagens; vivem como se estivessem realmente vivos, ignorantes de sua própria morte. O Fugitivo/narrador, em sua investigação, passa a conhecer e vivenciar ambas as visões.

O conceito de cronotopo serve bem à análise do personagem Fugitivo, o sujeito que vive no espaço-tempo as transformações em sua identidade; os desafios que ele terá de enfrentar naquele cenário em que vivencia os dois lados, de criador e criatura. Ele é um criador, pois consegue desvendar a máquina, o funcionamento e o manuseio da invenção de Morel, decidindo ele próprio se tornar uma projeção; é também criação, uma vez que se submete, como projeção que repetirá os mesmos movimentos, sob um tempo que não se



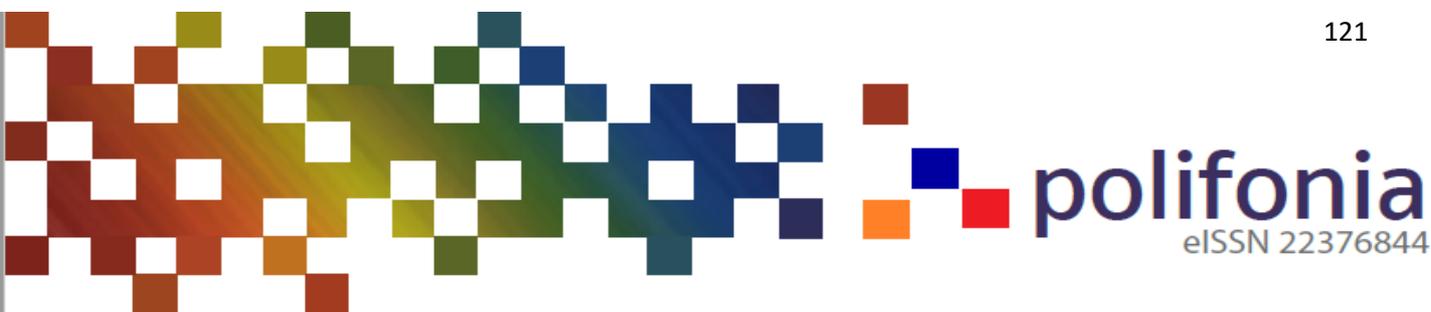
modifica, a passar dia após dia sem completar uma trajetória plena de vida, vivendo e revivendo as mesmas sensações.

Em seus estudos, Bakhtin mostra, de forma quase cronológica, a evolução do espaço-tempo nos romances, no entendimento de que “*a arte e a literatura estão impregnadas de valores cronotópicos de diferentes graus e dimensões*” (BAKHTIN, 2018, p.217). Em *A teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*, o autor elege o romance como *corpus* para desenvolver o conceito de cronotopo. São apresentados, então, os cronotopos presentes no romance grego, no romance aventuresco de costume, no romance biográfico, no romance de cavalaria; os quais possuem, dentro de sua composição, diferentes formas de relação do homem com o espaço-tempo. Dos cronotopos, para Bakhtin, “pode-se dizer francamente que pertence a eles o significado basilar gerador do enredo” (BAKHTIN, 2018, p.226), pois através deles os acontecimentos e as personagens ganham materialização.

Na discussão sobre a presença dos cronotopos nos romances, Bakhtin (2018) distingue alguns tipos, dos quais aqui destacamos o “cronotopo do encontro” (presença realçada pelo autor nos romances de aventura), em que a relação tempo/espaço pode definir todo o destino de um personagem, desde pequenas ações do seu cotidiano até o sentido da sua vida, a partir do encontro com o outro. A ele, podemos associar o “cronotopo da metamorfose”, em que um sujeito se reveste de outras identidades, em momentos de crise. O homem é modificado pelo tempo, que deixa resíduos impregnados em sua vida, e acaba também modificando o tempo/espaço em que vive, a partir do seu novo eu:

Apresentam-se diversas, e acentuadamente diversas, imagens do mesmo homem, nele reunidas diferentes épocas, diferentes etapas de seu caminho vital. Aqui não há formação na acepção precisa, há crise e renascimento (BAKHTIN, 2018, p.52).

Um dos romances destacados na pesquisa de Bakhtin é o autobiográfico, também apreciado na forma cronotópica que o autor chama de “metamorfose mitológica”, encontrada, em essência, no “caminho vital de quem pretende o autêntico conhecimento”



(BAKHTIN, 2018, p.72). Conceituado a partir das bases filosóficas de Platão, esse cronotopo tem relação com a autobiografia do personagem Fugitivo, que revela a caminhada do homem, passando pela “ignorância presunçosa, por um ceticismo autocrítico e pelo conhecimento de si mesmo no sentido do verdadeiro conhecimento” (BAKHTIN, 2018, p.72). Esse percurso leva à reflexão sobre a natureza ascética do homem, definida por Platão, na passagem do mundo das sombras para o mundo das ideias, do que ele acreditava ser ao que realmente é, perante as escolhas que pode fazer para sua vida e para os que estão à sua volta (PLATÃO, 2015). Nesse sentido, o personagem é inacabado:

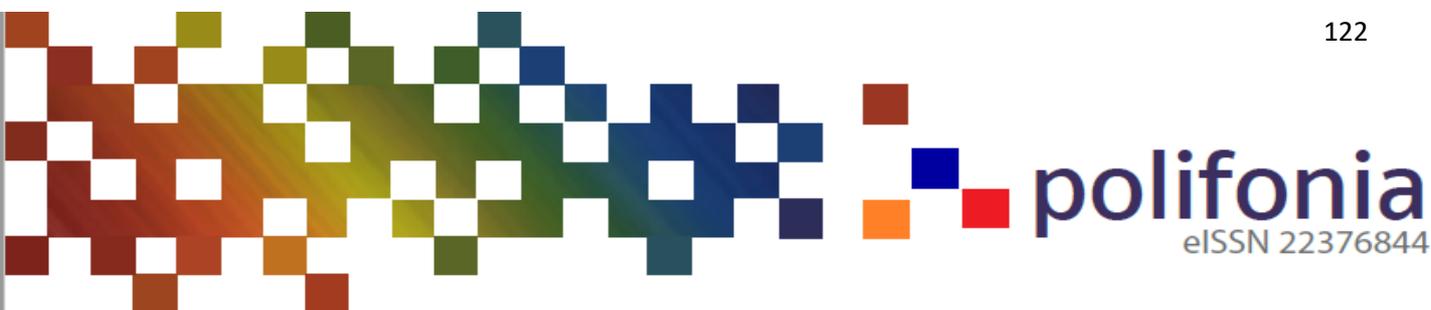
[...] é refratário a qualquer acabamento interno, supera interiormente tudo o que poderia determiná-lo totalmente e que ele considera inadequado a si mesmo, vivencia qualquer integridade acabada como uma limitação e lhe opõe um mistério interior indizível (BAKHTIN, 1997, p.40).

Ele vivencia, no tempo, as lutas para o processo de mudança, e estas são projetadas para uma nova dimensão espaço/temporal. O espaço comporta o homem, com todas suas incertezas, cabendo ao tempo o desencadear de suas decisões. O tempo é de importância capital para a transformação do homem, e os elementos que compõem o espaço apresentam os cenários que ele pode ocupar a cada mudança desencadeada. Esse é exatamente o percurso vivido pelo personagem Fugitivo.

O caráter autobiográfico da obra de Casares é ainda reforçado pelo suporte narrativo do diário, no qual ocasionalmente também intervém, em notas de pé de página, um suposto editor, que comenta e critica, numa posição exotópica, as falas do personagem/narrador/autor do diário.

3 *A invenção de Morel*: imagem da supressão do homem moderno no espaço/tempo

O cronotopo do encontro, apontado por Bakhtin (2018), mostra que tanto o tempo quanto o lugar, na composição dos indivíduos/personagens, são determinados em função da classe de sua representação no texto. Na constituição do enredo das obras literárias, os



sujeitos são definidos através das escolhas das ações realizadas nesse cronotopo, que representa os conflitos dos sujeitos/personagens na relação entre o espaço/tempo, em busca da direção do (auto)conhecimento.

Na obra *A invenção de Morel*, o personagem Fugitivo vive em um constante conflito sobre que caminho seguir, em meio a questionamentos quanto à dimensão do espaço e do tempo em que vive, ou pensa viver. Um ponto que se destaca na obra é o encontro dele com Morel, personagem que tem em suas mãos o poder de mudar a vida daqueles que estão ao seu redor, através da criação de uma máquina, capaz de alterar sua própria dimensão de tempo/espaço.

Morel é o inventor de uma máquina capaz de gravar qualquer ser humano e objeto, reproduzindo-os tais como são na realidade, mas com algumas consequências: a maior é a “morte” daqueles que são filmados; uma vez capturados pela máquina, eles ganham a imortalidade, mas apenas enquanto a máquina funcionar, pois ele só existirá como projeção, repetindo sempre as mesmas ações e falas, gravadas no período de uma semana, sem adquirir consciência de que sua vida é uma repetição sem fim.

Quando o Fugitivo encontra Morel e suas projeções (ainda sem saber que são projeções), suas perspectivas sobre o significado do que é liberdade são colocadas em jogo. Como ele poderia ser livre naquela ilha tendo que se esconder dos novos moradores, assim como se escondia das autoridades na sua terra natal? A partir da descrição dos simulacros dos visitantes da ilha, somos levados a um tempo e espaço conturbados para o Fugitivo:

A vida de fugitivo tornou-me o sono leve: tenho certeza de que não chegou nenhum barco, nenhum avião, nenhum dirigível. E, contudo, de um momento para o outro, nesta pesada noite de verão, os capinzais da colina se cobriram de pessoas que dançam, passeiam e nadam na piscina como veranistas instalados (CASARES, 2016, p.13).

Através desse inusitado encontro, a vida e o pensamento do Fugitivo começam a passar por várias e intensas transformações. Segundo Bakhtin, essas seriam as consequências do cronotopo do encontro: a vida e o destino do homem são modificados. A mudança ocorre mais substancialmente, na vida do Fugitivo, quando se depara, nos

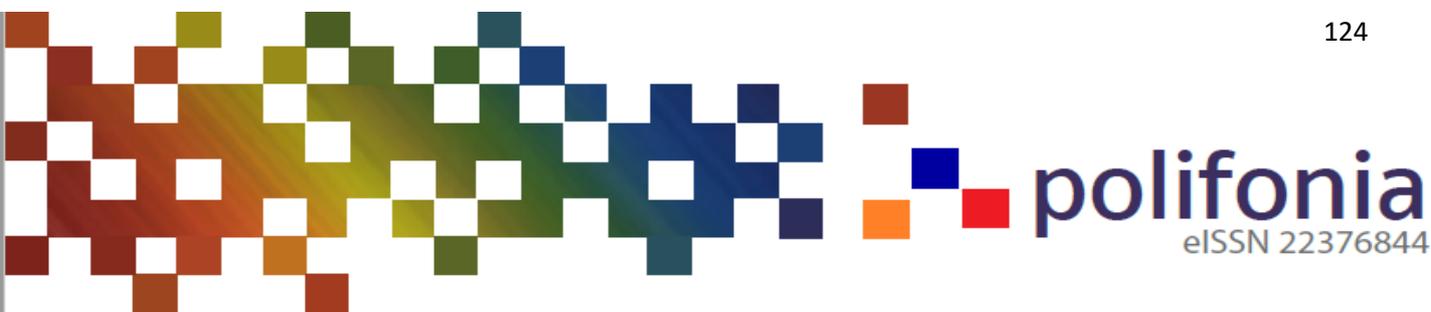


penhascos da ilha, com a figura de uma mulher: “no rochedo há uma mulher olhando o pôr do sol, todas as tardes. Tem um lenço colorido amarrado na cabeça; as mãos juntas, sobre um joelho...” (CASARES, 2016, p.22). Esta mulher é Faustine, por quem o Fugitivo despertaria uma paixão obsessiva, depositando nela a esperança da sua salvação, ou o medo da condenação: “Essa mulher me deu esperança. Devo temer as esperanças. [...] Talvez eu esteja preparando um desatino irremediável; talvez essa mulher, aquecida pelo sol de todas as tardes, me entregue à polícia” (CASARES, 2016, p.23). Todas as ações, mudanças em sua vida e em seu cotidiano, passam então a girar em torno do objetivo de conquistar Faustine:

Agora a mulher do lenço me é imprescindível. [...]. Não esperar da vida, para não arriscá-la; dar-se por morto, para não morrer. De repente isso me pareceu um letargo pavoroso, inquietíssimo; quero que acabe. Depois da fuga, depois de ter vivido sem atentar a um cansaço que me destruía, conquistei a calma; minhas decisões talvez me devolvam a esse passado ou aos juízes; são preferíveis a este longo purgatório (CASARES, 2016, p.27-28).

O desejo por aquela mulher é multiplicado pelo fato dela não notar absolutamente sua presença: “Temí que me surpreendesse espiando-a; (...), no entanto, a paz do seu peito não se alterou; o seu olhar prescindia de mim, como se eu fosse invisível” (CASARES, 2016, p.30). E também por surpreendê-la, algumas vezes, no mesmo horário e lugar, acompanhada de um homem chamado Morel: “Olhava para eles, escutava sua conversa. Senti que algo estranho acontecia; não sabia o que era. Estava indignado com aquele canalha ridículo” (CASARES, 2016, p.44). A obsessão pela mulher que não o vê o conduz ao segundo cronotopo, o da metamorfose. O Fugitivo vive então uma incessante busca de conhecimento, para entender o porquê de não ser correspondido, e nem sequer notado por Faustine, passando a pensar em planos que deveria colocar em prática para conquistá-la e derrotar Morel, que passa a ser visto como concorrente e um grande inimigo.

Os desafios e transformações sofridas pelo Fugitivo revelam um tempo confuso, em espaço restrito: isolado dentro de um pântano da ilha, fugindo da convivência dos outros indivíduos, sem ser notado por eles, observando as ações e movimentos se repetirem de forma cíclica e constante... Ele faz a transição de fugitivo para caçador, um desejo de

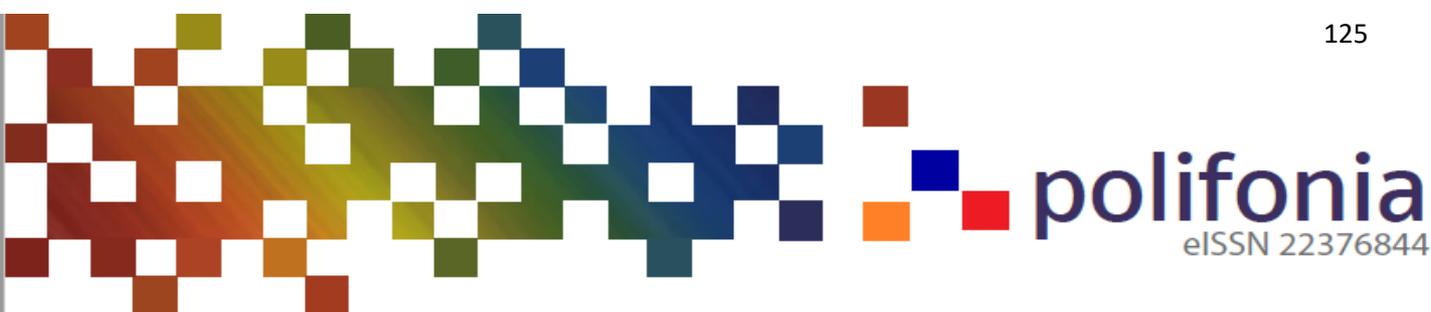


destruir seus oponentes e conseguir viver ao lado de Faustine, mesmo que ela o ignore, que não demonstre qualquer tipo de afeição. O Fugitivo se torna, na crise entre o desejo de amor/liberdade e o medo da rejeição/condenação, em um homem quase louco; vive o afã de compreender o destino que lhe fora reservado, contra o qual, pelo amor de Faustine, pensa dever lutar.

A máquina de Morel, um intrincado aparato tecnológico, integra as transformações na área científica e industrial que o mundo das primeiras décadas do século XX, de que tanto o escritor Bioy Casares, quanto o narrador/personagem Fugitivo foram testemunhas; transformações estas que geravam na sociedade do período expectativas utópicas e também distópicas quanto ao porvir. No mesmo ano em que Casares publicou *A Invenção de Morel* (1940), Walter Benjamin, associado à Escola de Frankfurt e crítico à ideia de progresso embutida na modernidade industrial, tecnológica e científica, falecia, sem ter tido tempo de publicar o ensaio *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*, que veio a público apenas em 1955. Dele extraímos o seguinte fragmento:

Fazer as coisas “ficarem mais próximas” é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através da sua reprodutibilidade. Cada dia fica mais irresistível a necessidade de possuir o objeto, de tão perto quanto possível, na imagem, ou antes, na sua cópia, na sua reprodução (BENJAMIN, 1987, p. 170).

Esse trecho, apesar de escrito em outro contexto, da crítica à reprodutibilidade da obra de arte, é adequado para expressar o desejo incontido do Fugitivo, em guardar sempre consigo a imagem de Faustine, assim como a finalidade da criação industriosa de Morel, de reproduzir tecnicamente as imagens vivas das pessoas, para tê-las sempre próximas e suas. Tanto o desejo de pertencimento, como de aprisionamento ao tempo e ao espaço do outro, podem ser beneficiados pelas invenções da modernidade tecnológica e científica, mas são paradoxalmente frutos da separação e distanciamento provocados pelas relações inerentes a essa mesma modernidade; em que os indivíduos, ainda que massificados, são impelidos ou encorajados a buscarem, no espaço e domínio individual, o consumo e o saber que melhor lhes apraz.



Nesse contexto, somos levados para um terceiro ponto da narrativa de Casares, em que não estamos mais diante apenas do personagem Fugitivo, mas, através do seu diário, deparamo-nos com uma autobiografia do homem moderno, na sua caminhada obstinada da ignorância a um conhecimento “verdadeiro”. Mas o diário alimenta, a todo o tempo, o temor de que o aparato inventivo e tecnológico da modernidade sirva à própria destruição da autonomia e liberdade do indivíduo.

Muitas vezes, no romance, o personagem-narrador, comentando no diário sua própria narrativa, faz o elogio de Malthus², lembrando aos homens que “se não derem ouvidos a Malthus, necessitarão, algum dia, da terra do mais exíguo paraíso e destruirão seus indefesos ocupantes, ou os encarcerarão na possibilidade inútil de suas máquinas desligadas”. (CASARES, 2016, p.98). A recorrente menção a Malthus e à sua projeção distópica para o futuro da humanidade, ensejou o seguinte comentário da figura atípica do editor, aqui já mencionada, que assim se intromete na narração: “o autor se demora numa apologia, eloqüente e com argumentos pouco novos, de Thomas Robert Malthus e de seu Ensaio sobre o Princípio da População. Por razões de espaço, decidimos suprimi-la”. (CASARES, 2016, p. 99).

Através do cronotopo do encontro e da metamorfose, o Fugitivo entra em uma nova relação com o tempo-espaço ao seu redor, lutando para entender como pode ser invisível aos novos moradores da ilha: “Não foi como se não me tivesse ouvido, como se não me tivesse visto; foi como se os seus ouvidos não servissem para ouvir, como se os seus olhos não servissem para ver” (CASARES, 2016, p.58). Descobre, ao fim, que todos eles são simulacros de pessoas que foram filmadas por Morel sem autorização, e o que via seriam meras repetições cíclicas reproduzidas através da sua invenção: “Estar numa ilha habitada por fantasmas artificiais era o mais insuportável dos pesadelos; estar apaixonado por uma dessas imagens era pior do que estar apaixonado por um fantasma” (CASARES, 2016, p.63-64).

² Thomas Malthus (1766-1834) foi um economista britânico, considerado pai da Demografia. Defendeu, entre outras críticas à modernidade, que o aumento populacional desenfreado deve ser combatido, pois iria ocasionar mais tarde a falta de alimentos no mundo, e o próprio fim da humanidade. Escreveu o *Ensaio sobre o Princípio da População*, publicado em dois volumes, em 1798 e 1803. (MALTHUS, 2014)

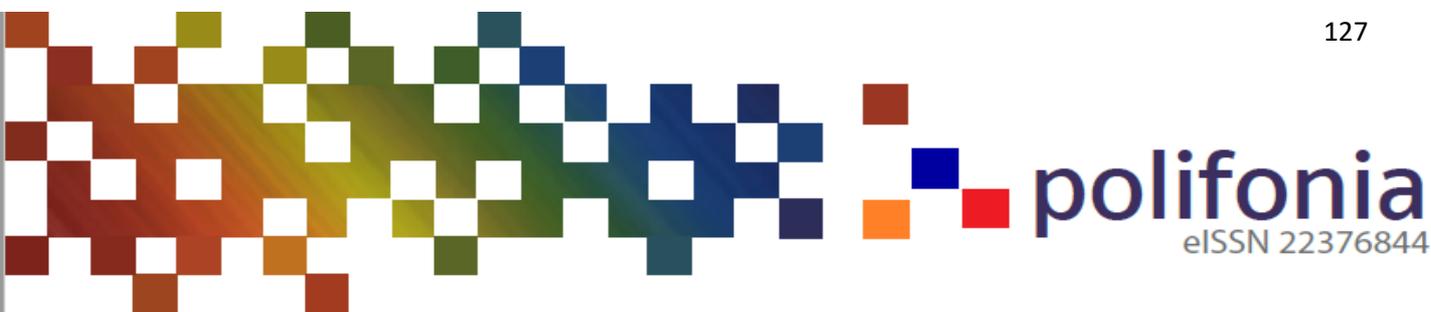


Nesse cronotopo biográfico, percebemos as indagações do diário do Fugitivo como próprias da sociedade moderna: quais os limites do poder do conhecimento humano? Ele obtém a resposta, ao constatar que o próprio inventor Morel se tornou uma projeção, que o próprio criador fora destruído pela sua criação: o conhecimento que possibilitou o aprisionamento do tempo/espaço não foi capaz de impedir o aniquilamento do criador pela engenhoca que possibilitou essa prisão. O Fugitivo toma consciência de que o tempo e o espaço podem e são manipulados pelo ser humano, mas que este sofre também os impactos dessa manipulação, que interfere não só na sua vida particular, mas também na vida de todos à sua volta.

A Invenção de Morel se constitui como texto em que podemos facilmente visualizar o conceito bakhtiniano de cronotopo. Morel, antagonista na obra de Casares, mostra-se como manipulador do tempo/espaço, limitando o tempo de vivência e o espaço que os demais sujeitos ocupam. Sua estratégia foi criar uma máquina, ápice da engenharia moderna, que pudesse dar vida eterna a ele, à mulher que amava e a seus amigos.

Meu abuso consiste em tê-los fotografado sem autorização. É claro que não se trata de uma fotografia qualquer; é meu último invento. Nós viveremos nessa fotografia, para sempre. Imaginem um cenário em que se representasse completamente nossa vida nestes sete dias. Nós representamos. Todos os nossos atos ficaram gravados (CASARES, 2016, p.70).

Na máquina de Morel, o homem fica suspenso, imutável como o tempo; ele não regressa ou avança, fica retido no espaço, limitado dentro de sua própria infinitude. Todos já viveram todos os encontros possíveis, não mais irão buscar novos conhecimentos, não mais serão capazes de questionar ou evoluir. Conforme observa o Fugitivo, “a eternidade rotativa pode parecer atroz para o espectador; é satisfatória para seus membros. Livres de más notícias e de doenças, vivem sempre como se fosse a primeira vez.” (CASARES, 2016, p.91). Na verdade, dentro dessa nova dimensão, não importam mais o espaço e o tempo, pois estes não interferem mais na existência daqueles que são mera projeção. E, nesse sentido, expressa Morel:



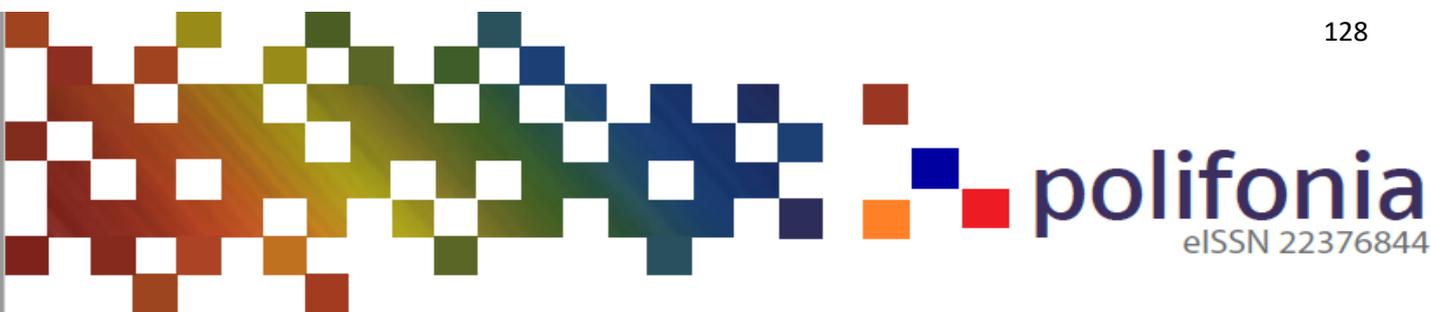
Aqui estaremos eternamente – mesmo que partamos amanhã – repetindo consecutivamente os momentos da semana e sem nunca por sair da consciência que tivemos em casa um deles, porque assim nos gravaram os aparelhos; isso permitirá que nos sintamos em uma vida sempre nova, porque não haverá outras lembranças em cada momento da projeção afora as que havia no momento correspondente da gravação, e porque o futuro, muitas vezes deixado para trás, sempre conservará seus atributos (CASARES, 2016, p.82).

Casares mostra o poder do homem, mas, ao mesmo tempo, a prisão a que este poder o condena. Os personagens amigos de Morel não tiveram escolha, foram suspensos no tempo, de acordo com a vontade do inventor. O Fugitivo, depois que se torna conhecedor daquilo que se apresentava como real; depois que encontra a máquina e desvenda o seu mecanismo de funcionamento, desfazendo-se de todas as dúvidas com a posse desse conhecimento, resolve ele mesmo se transformar em projeção. Deixa-se gravar por uma semana junto a Faustine, em todos os espaços vivenciados por ela, naquela cíclica repetição:

Quando me senti disposto, liguei os receptores de atividade simultânea. Ficaram gravados sete dias. Representei bem: um espectador desprevenido pode imaginar que não sou um intruso. É o resultado natural de uma trabalhosa preparação (...) Incansavelmente, repeti cada um dos meus atos. Estudei o que Faustine diz, suas perguntas e respostas; muitas vezes, intercalo com habilidade alguma frase; parece que Faustine me responde (CASARES, 2016, p.108).

Pode-se dizer que o Fugitivo se desloca então para um cronotopo de supressão, principalmente porque escolhe suprimir sua vida real e se tornar uma projeção. Ao fim, resta-lhe, para justificar sua corajosa escolha, o consolo da essência cronotópica da existência humana: “O fato de não podermos compreender nada fora do tempo e do espaço talvez sugira que nossa vida não é apreciavelmente distinta da sobrevivência a ser obtida com esse aparelho” (CASARES, 2016, p.88).

A escolha do Fugitivo tem relação com seu desejo de habitar o “mesmo ambiente” que Faustine e de corresponder-se com ela. Fato impossível na prática, pois o espaço-tempo de sua projeção é outro. Esta é a razão da súplica que lança em seu diário, quando estava prestes a ter a vida tragada pela invenção de Morel, para um outro possível inventor do futuro: “Ao homem que, baseando-se neste informe, inventar uma máquina capaz de



reunir as presenças desagregadas, farei uma súplica: (...) Faça-me entrar no céu da consciência de Faustine” (CASARES, 2016, p.111).

Considerações finais

Neste trabalho, abordamos diferentes tipos de cronotopos, e especificamente, o aspecto autobiográfico do narrador/personagem Fugitivo, em face do que os seus sentidos percebiam do tempo/espço que se apresentava à sua frente e da sede incessante em conhecer o que lhe parecia oculto, que pertenceria à outra esfera temporal e espacial. Um segredo a que teve acesso a partir do domínio do saber que o progresso científico da humanidade, através da invenção de Morel, acabou lhe proporcionando, e pelo qual viu tragada toda a sua existência. O personagem vivencia assim um conflito subjacente à crítica da modernidade, pela sua dupla face, de progresso e destruição.

Um conflito próprio do tempo em que foi escrita a obra, em que a literatura distópica vivia o auge, com autores como Huxley (2003), em *Admirável Mundo Novo*, e Orwell (2009), em *1984*; corrente literária sempre apreciada em sua interface com a História (BENTIVOGLIO, 2017). Acreditamos que *A Invenção de Morel* possa se enquadrar dentro dessa perspectiva distópica, de crítica à modernidade. Uma perspectiva que talvez o autor mesmo da obra comungasse, transferindo ao seu personagem-narrador um pouco do universo que também vivenciava. Pois, como disse o próprio Bakhtin: “a relação do autor com as diferentes manifestações da literatura e da cultura é de natureza dialógica, análoga às inter-relações entre os cronotopos no interior da obra” (BAKHTIN, 2018, p.233).

Referências

- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 95-114.
- BAKHTIN, Mikhail. O autor e o herói. In: *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997, p. 23-220.



_____ Os Gêneros do Discurso. In: *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997, p. 277-326.

_____ Observações sobre a epistemologia das ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997, p. 399-414.

_____ As formas do tempo e do cronotopo no romance. In: *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: Editora 34, 2018, p.11-236.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios de literatura e história da cultura*. 3 ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 165-196.

BENTIVOGLIO, Júlio *et ali* (Orgs). *Distopia, Literatura & História*. Serra: Ed. Milfontes, 2017.

CASARES, Adolfo Bioy. *A invenção de Morel*. Trad. Sérgio Molina. 4. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

ÉFESO, Heráclito de. A unidade dos opostos. In: *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Seleção de textos e supervisão de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1996. (Coleção Os Pensadores).

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Globo, 2003.

MALTHUS, Thomas. *Ensaio sobre o princípio da população*. Lisboa: Relógio d'água editores, 2014.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PLATÃO. *O Mito da Caverna*. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Ed. Edipro, 2015.